

OS BOTICÁRIOS DA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO (1850 – 1880)¹**Ticianasanta Rita**

Doutoranda - Casa de Oswaldo Cruz - COC/Fiocruz

E-mail: ticianasantarita@gmail.com**Resumo:**

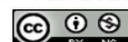
Este trabalho teve por objetivo investigar a inserção e a atuação dos boticários e farmacêuticos nos Municípios da Província do Rio de Janeiro, entre os anos de 1850 e 1880, a partir do levantamento realizado no *Almanak Laemmert*. Para tanto, buscamos identificar e analisar a atuação destes personagens nos municípios em que atuavam, não só no desenvolvimento das atividades ligadas ao seu ofício como para além delas; a rede de sociabilidade em que estavam inseridos; as mudanças ou permanências ao longo do tempo, aprofundando o estudo em algumas regiões e especialmente de alguns personagens. Para esta análise, utilizamos apenas as informações enviadas pelos municípios para o periódico, sem levar em consideração os anúncios vinculados no mesmo, entretanto, procuramos percebê-los em um cenário mais amplo e, nossos primeiros resultados apontam para a formação de uma elite farmacêutica no interior da Província.

Palavras Chaves: Boticários/Farmacêuticos, Província do Rio de Janeiro, Elite Farmacêutica.

¹ Este artigo é parte da minha tese de doutorado ainda em andamento e, apresenta os primeiros resultados observados.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

ISSN: 1982 -193X



THE APOTHECARY OF THE PROVINCE OF RIO DE JANEIRO (1850 – 1880)

Ticianá Santa Rita

Doutoranda - Casa de Oswaldo Cruz - COC/Fiocruz

E-mail: ticianasantarita@gmail.com

Abstract:

This project work aimed to investigate the insertion and the performance of apothecaries and pharmacist in the Municipalities of the Province of Rio de Janeiro, between the years 1850 and 1880, based on a survey carried out at Almanak Laemmert. To this end, we seek to identify and analyze the performance of these characters in the municipalities where they worked, not only in the development of activities related to their craft but beyond them; the social network in which they were inserted; the changes or permanencies over time, deepening the study in some regions and especially some characters. However, for this analysis, we use only the information sent by the municipalities to the journal, without taking into account the ads linked to it, however, we try to perceive them in a broader scenario, and our first results point to the formation of a pharmaceutical elite within the province.

Keywords: Apothecaries/Pharmacist, Province of Rio de Janeiro, Elite pharmaceutical.



Pretendemos neste artigo discutir a inserção de boticários em seus municípios no interior da Província do Rio de Janeiro para além de seus ofícios, entre 1850 e 1880. Nossas questões surgiram a partir do desenvolvimento da pesquisa da dissertação² onde trabalhamos com os boticários de interior do Rio de Janeiro, especificamente Iguassú³ e Capivary⁴ (atual município de Silva Jardim), onde observamos que estes agentes tinham um forte envolvimento com a política local.

Estas observações nos levaram a questões como: Existe uma elite farmacêutica? Essa elite possui uma dinâmica diferente da presente nos boticários da Corte? Como é a rede de sociabilidade em que estão inseridos?

Para abordarmos o tema, levando em consideração estarmos no início da pesquisa e as limitações físicas de um artigo, analisaremos aqui, apenas o caso de 4 boticários atuantes nas localidades de Cabo Frio, Capivary e Rezende. Para empreender esta pesquisa, partimos da lista de boticários publicados no *Almanak Laemmert*, entre 1850 e 1880, porém, não levamos em consideração as propagandas vinculadas no periódico e sim, apenas as informações enviadas pelos próprios municípios.

Produzido pelos irmãos franceses Eduardo e Henrique Laemmert entre 1844 e 1914 o *Almanak Laemmert* foi o primeiro almanaque de publicação anual a circular pelo país. Sua primeira edição possuía um pouco mais de 280 páginas, chegando a ter 2.500 por volta de 1880 e, trazia em seu conteúdo a “organização administrativa, jurídica, política, social, religiosa e cultural do império”. O periódico era de fácil aquisição por parte de seus leitores, formados por barões, capitães, doutores, profissionais liberais, pequenos comerciantes e funcionários de repartições públicas, religiosas e culturais do império, uma vez que era vendido em livrarias por todo país. Além das informações já citadas, era possível encontrar no periódico, anúncios de academias científicas, escolas públicas e particulares, lojas, serviços profissionais, hospitalares, entre outros (LIMEIRA, 2010, p.80).

² Na dissertação sob o título: Ofício farmacêutico em Iguaçú: José Manoel e Joaquim Nery e o exercício da farmácia (1886 – 1937), defendida em 2016, procuramos estudar o exercício da profissão farmacêutica por práticos, boticários e farmacêuticos na periferia do Rio de Janeiro, comparando com o que acontecia na cidade do Rio de Janeiro e no resto do país.

³ Fundado em 15 de janeiro de 1833, o município de Iguassú ocupava na época, um grande território na parte oeste da baía da Guanabara o que incluía os atuais municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti e parte dos territórios de Magé e Paracambi (SILVA, 2013, p. 52).

⁴ Optamos pela grafia dos municípios como aparece na maioria dos documentos utilizados para pesquisa desenvolvida, no período estudado.

Porém, é importante ressaltar que as listas dos boticários publicadas anualmente no *Almanak Laemmert* dependiam de informações enviadas por cada município. Por vezes, há falta de informação sobre determinado período para algumas localidades por não terem chegado a tempo do fechamento da publicação, como informado pelo próprio periódico. Outros fatos importantes de se ressaltar são que a falta de algum boticário em determinado período, não significa que o mesmo não estivesse atuando na localidade, e que boticários que estiveram presentes na região não aparecem listados no periódico. Contudo, acreditamos que os dados contidos no *Almanak* indiquem de forma bem aproximada o número de boticários estabelecidos no interior da Província do Rio de Janeiro.

Os Boticários e seu ofício

Apesar da importância de boticários e práticos de farmácia no cotidiano de diversas regiões, são poucos os trabalhos que se debruçaram sobre a história do exercício farmacêutico, principalmente com o olhar voltado para a atuação destes profissionais no interior das províncias. Neste sentido, podemos citar alguns trabalhos realizados como Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil Setentista (1999) de Vera Regina Beltrão Marques, onde a autora aborda o tema no século XVIII; os trabalhos realizados por Tânia Salgado Pimenta com foco no século XIX entre eles Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos (2004), os de Verônica Velloso sobre os boticários da corte também no século XIX em especial Farmácia na corte Imperial (1851-1887) e os Flávio Coelho Edler de maneira mais geral, com destaque para Boticas e pharmacies: uma história ilustrada da Farmácia no Brasil (2006).

Durante o Oitocentos, apesar de suas limitações legais, era comum em diversas regiões do país que boticários/farmacêuticos, práticos de farmácia, cirurgiões ou dentistas fizessem as vezes de médicos, diagnosticando e prescrevendo eles próprios os medicamentos. Especificamente no caso dos boticários, estes profissionais dividiam seu tempo entre as boticas/farmácias e o atendimento domiciliar aos doentes (PIMENTA, 2004, p.68; FIGUEIREDO, 2005, p.63).

Segundo Betânia Gonçalves Figueiredo (2008) a clássica divisão de trabalho no período colonial estava entre os físicos ou médicos responsáveis por medicar os pacientes; os cirurgiões capazes de intervir no corpo e os boticários encarregados de manipular os medicamentos.

Porém, esta divisão possuía fronteiras permeáveis, com a presença de outros profissionais que atuavam nestes espaços de cura, como curandeiros, barbeiros e parteiras. Além disso, esta separação hierárquica, não significava que estes atores não fizessem às vezes uns dos outros (FIGUEIREDO, 2005, p. 63; 2008, p. 125).

Os práticos de boticas sem formação acadêmica eram autorizados pela legislação da época a atuarem, em situações especiais, como médicos desde que tivessem determinados aprendizados práticos (PIMENTA, 2004, p. 73; FIGUEIREDO, 2005, p. 65). Esta flexibilidade era justificada usando-se o argumento da dificuldade de acesso da população aos médicos, ao longo do Oitocentos, devido à carência numérica de profissionais formados e à distância destes para algumas localidades e da própria população para os centros urbanos. Porém, diversas pesquisas têm demonstrado que no dia a dia a população não se importava com esses critérios oficiais e não reconhecia os médicos como os únicos detentores de saberes capazes de cuidar e curar suas moléstias e aflições (PIMENTA, 1998, p. 2,8; SAMPAIO, 2001, p. 149-150).

Além de aviarem e venderem medicamentos os boticários desenvolviam um trabalho social, e seus estabelecimentos estavam muito além de simplesmente comércio. Eram também locais de encontros e reuniões para os mais diversos assuntos, fossem eles da vida cotidiana ou política e seus proprietários, um “ouvido confiável e atencioso”. Deste modo, acabavam por conhecer todos os acontecimentos do lugar onde se estabeleciam e eram conhecidos senão por toda população, por boa parte dela, contribuindo para a formação de uma extensa rede de sociabilidade destes agentes (FIGUEIREDO, 2008, p. 160,163).

Esta era uma condição que se apresentava já há muito tempo. Marques (1999) ao abordar os boticários Setentistas aponta para importância das boticas como local de “divulgação de novas ideias, opiniões e críticas entre seus frequentadores”. Ainda segundo a autora, as boticas coloniais eram um espaço permeado por discussão política e jogos, trocas de ideias e formação de opinião, muitas vezes diferentes das “estabelecidas e usuais” (MARQUES, 1999, p. 215, 219; EDLER, 2006, p. 70; GUIMARÃES, 2016, p. 28). Pesquisas posteriores comprovam que este hábito perdurou ao longo do tempo, despertando no dono da botica/farmácia um interesse pela vida política local o que, muitas vezes o levava a participar oficialmente do universo político, principalmente na tentativa de delimitar seus espaços de atuação (VELLOSO, 2007, p. 99-100; 2010, p. 376; FIGUEIREDO, 2008, p. 164-166).

Os Boticários da Corte

A elite médica e farmacêutica começou a se formar na primeira metade do século XIX, sobretudo com a criação da Academia Imperial de Medicina em 1835 e das associações farmacêuticas nos anos de 1850 (VELLOSO, 2007, p. 216):

[...] buscavam então suas diferenças na titulação acadêmica ou na organização de seus saberes específicos em relação a um universo em que as práticas de cura misturavam-se ou concentram-se num mesmo personagem. Neste quadro, a questão da oficialização do ensino e de seus instrumentos corresponderia à criação de espaços de ciência a serem conquistados [...] (VELLOSSO, 2007, p. 216).

Porém, mesmo depois de estabelecido o curso de farmácia, “as designações de botica e boticário continuaram prevalecendo, sendo utilizadas como sinônimos de farmacêutico e farmácia ao longo do século XIX” (Velloso, 2007, p. 225). Corroborando com esta afirmativa de Velloso, observamos esta ocorrência nos registros do *Almanak Laemmert* em relação aos agentes ligados ao ofício farmacêutico na maioria dos municípios da Província do Rio de Janeiro onde, a denominação “farmacêutico” não foi muito utilizada, só se intensificando no final do período estudado. Como exemplo, podemos citar o caso do município de Capivary que, utilizou a denominação boticário para listar estes agentes até o ano de 1879 quando altera esta denominação para farmacêutico, mesmo para aqueles que já diplomados como Francisco Dias Pinto de Figueiredo formado desde 1862 (*Almanak Laemmert*, 1850 -1880).

Desejosos por construírem uma nova imagem relacionada ao seu ofício, os farmacêuticos filiados às associações de classe defendiam que a diferença entre boticários e farmacêuticos estava na condição do segundo ser um “profissional científico, o que passava pela sua formação” (VELLOSO, 2007, p. 229). Velloso (2010) afirma que “a defesa de um perfil de homem de ciência para si, apoiava-se na afirmação da farmácia como área do conhecimento médico”, e assim, “os farmacêuticos buscavam espaço no universo da cura que fosse reconhecido pelo Estado e pela sociedade imperial” (VELLOSO, 2010, p. 374).

Os farmacêuticos assim como os médicos, passaram a se organizar em torno de faculdades, periódicos especializados e sociedades científicas e sua luta para monopolizar as artes de curar (PIMENTA, 2004, p. 77; PIMENTA E COSTA, 2008, p. 1015). Neste período, criaram instituições visando à defesa dos interesses de classe, como a Sociedade Farmacêutica

Brasileira⁵, criada em 1851 e o Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro, criado em 1858. Nelas se reuniam, elaboravam propostas e reivindicavam a melhoria do ensino no curso de farmácia, a criação de um código farmacêutico brasileiro e o combate ao exercício ilegal da profissão. Porém, era possível encontrar médicos nestas associações criadas por boticários e voltadas pela luta de seus interesses assim como, boticários nos espaços criados por médicos (VELLOSO, 2007, p. 49). Um exemplo é o boticário Ezequiel Corrêa dos Santos (1801-1864), natural da freguesia do Pilar no Município de Iguassú, formado pela Academia Médico-Cirúrgica em 1819 (BASILE, 2001, p. 14-15).

Titulado pela Fisicatura-Mor em 1819, Ezequiel foi membro titular da Academia Imperial de Medicina e, se tornou o primeiro presidente da Seção de Farmácia, dedicando-se a luta pelo desenvolvimento da farmácia no Brasil. Discursava em prol da elaboração de um código farmacêutico e sua importância, como também, contra o charlatanismo, principalmente no que se refere aos anúncios de panaceias e elixires milagrosos anunciados livremente nos jornais “*que invadia o mercado brasileiro de remédios, prometendo cura para doenças até hoje incuráveis*” (BASILE, 2001, p. 131). Não podemos deixar de mencionar que, depois que sua botica foi escolhida pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, Ezequiel passou a atender a Casa Imperial e também, o boticário fundou Sociedade Farmacêutica Brasileira, em 1851, considerada a primeira sociedade de classes do país (VELLOSO, 2007, p. 26, 41, 2010, p. 377).

Segundo Verônica Velloso (2010) a participação dessa elite farmacêutica em discussões acerca da regulamentação do exercício da farmácia era facilitada pelo fato de estarem na capital do Império (VELLOSO, 2010, p. 376). E os farmacêuticos do interior da Província? Não possuíam influência nas localidades em que atuavam? Conseguiram interferir de alguma forma nas decisões municipais?

Os Boticários do Interior da Província do Rio de Janeiro

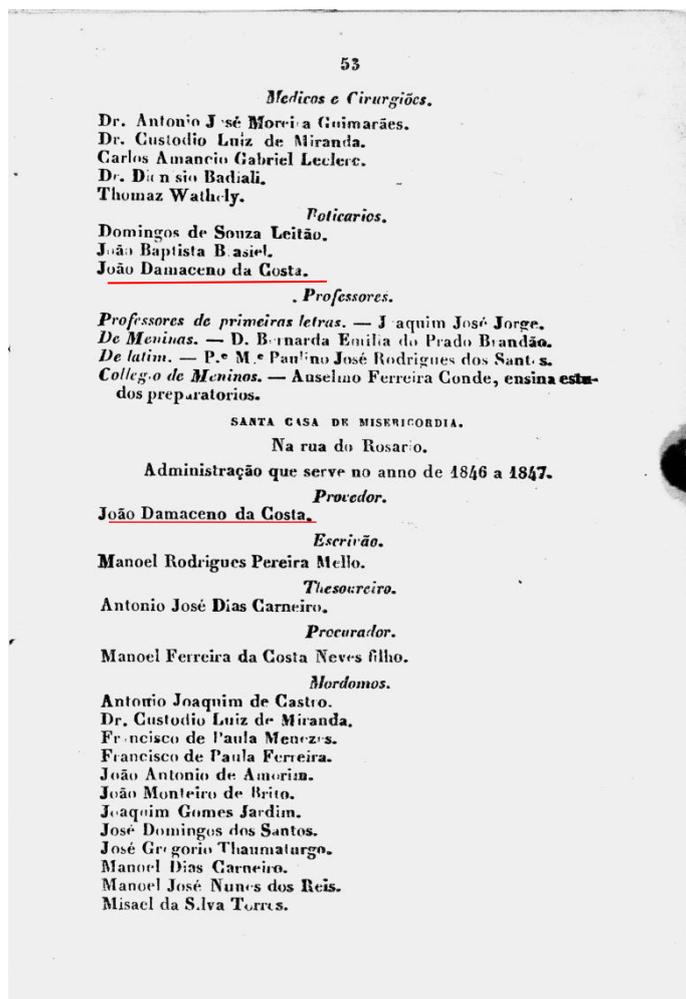
Ao lançarmos nossos olhares sobre os boticários dos municípios da Província e as informações enviadas ao *Almanak Laemmert* por tais municípios, percebemos que uma grande parte destes

⁵ A criação da Sociedade Farmacêutica do Rio de Janeiro foi favorecida pela epidemia de febre amarela de 1849-1850 e contava com o apoio de D. Pedro II. Tinha entre seus sócios boticários que trabalhavam em hospitais, farmacêuticos proprietários de boticas, botânicos, professores da Faculdade de Medicina e médicos, distribuídos em três categorias: contribuintes, correspondentes e honorários (VELLOSO, 2010, p. 377; SOCIEDADE FARMACÊUTICA BRASILEIRA, 2019).

boticários ocupavam outras funções além de desempenharem seus ofícios. De forma deliberada, como já mencionamos, optamos por destacar apenas 4 boticários para a nossa análise, tendo em vista a limitação física de um artigo. Neste contexto, abordaremos dois boticários do município de Rezende, um de Cabo Frio e um de Capivary um pouco mais detidamente, uma vez que o envolvimento local destes personagens nos chama atenção pelas possibilidades de análises.

Nos levantamentos preliminares realizados, podemos citar no município de Rezende os boticários João Damasceno da Costa e João Baptista Brasil que, além de desenvolverem os seus ofícios, ocuparam cargos na Santa Casa de Misericórdia local. O boticário João Damasceno foi provedor do hospital para o biênio 1847-1848, como podemos observar na figura 1, enquanto, o boticário João Baptista ocupou os cargos de solicitador de 1847 a 1850, procurador de 1849 a 1850 e mordomo em 1848.

Figura 1: Almanak Laemmert 1847 – João Damasceno da Costa

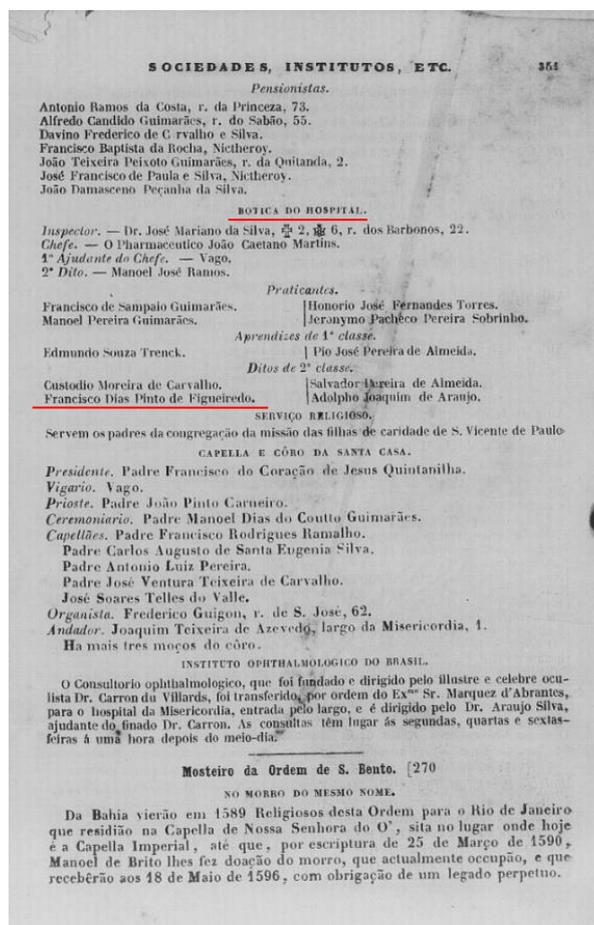


Fonte: Almanak Laemmert, 1847, pg. 53. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em Cabo Frio, encontramos o boticário Manoel José Gomes Pereira de Macedo, cavaleiro da Ordem da Rosa, presente no *Almanak Laemmert* desde 1848, ano em que ocupou os cargos de vereador, 3º juiz municipal e 1º substituto de delegado na Freguesia de Nossa Senhora D'Assumpção e de juiz de paz na Freguesia da Aldeia de São Pedro (*ALMANAK LAEMMERT*, 1848, p. 69-71, 75). A colocação nestes cargos e, ser um cavaleiro da Ordem da Rosa nos permite inferir que a rede de sociabilidade deste boticário contava com influentes personagens e possivelmente sua família tinha uma posição social destacada, porém, ainda precisamos aprofundar a pesquisa.

Outro caso que nos chama atenção é o do boticário Francisco Dias Pinto de Figueiredo, atuante em Capivary desde 1866, segundo o *Almanak Laemmert*. Porém, já em 1861, o boticário aparece na lista de aprendizes de segunda classe do hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, como mostra a figura 2 e, em 1864 ocupava o cargo de 1º ajudante do chefe da botica do mesmo hospital (*ALMANAK LAEMMERT*, 1861, p. 351, 1864, p. 369).

Figura 2: *Almanak Laemmert* 1861 – Francisco Dias Pinto de Figueiredo



Fonte: *Almanak Laemmert*, 1861, pg. 351. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Durante o século XIX, em sua maioria, os boticários aprendiam seu ofício com os mais velhos, muitas vezes seus pais ou avós que passavam seus conhecimentos através das gerações, ou ainda com o sogro ou o velho boticário da localidade em que residiam e não passavam por escolas formais. (MARQUES, 1999, p. 164; FIGUEIREDO, 2008, p. 47, 171,176). Encontramos na historiografia alguns exemplos desta influência profissional como o de Ezequiel Correia dos Santos e seu filho homônimo Ezequiel Correia dos Santos (1825-1899) e o farmacêutico alemão Theodoro Peckolt com seu filho Gustavo Peckolt (1861-1923) e seu neto Oswaldo Lazarini Peckolt (?-?) (BASILE, 2001, p. 133; SANTOS, 2005, p. 527), que viram as gerações seguintes desenvolverem a arte farmacêutica, transformando-a em um negócio de família.

A observação e a prática com um mestre mais antigo e de renome, também faziam parte da aprendizagem do ofício farmacêutico (MARQUES, 1999, p. 164), entretanto, este era um cenário repleto de lutas e disputas pela institucionalização e profissionalização médica e farmacêutica e, logo ocorreriam mudanças na formação deste ofício que, passaria para o modelo acadêmico, resultando na gradativa substituição de boticários por farmacêuticos diplomados (PIMENTA, 1998, p. 4, 2004, p. 70-72; PIMENTA E COSTA, 2008, p. 1019).

Os espaços voltados para a formação profissional começaram a ser criados em 1808 com a chegada da Corte, quando foram instituídas a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro⁶ e a Escola de Cirurgia da Bahia⁷, que, em 1813 e 1815 passaram a Academias Médico-Cirúrgicas respectivamente. Em 1832 foram criadas as Faculdades de Medicina com cursos voltados para a formação de médicos, farmacêuticos e parteiras. Porém, apenas em 1839 foi fundada a primeira Escola de Farmácia⁸, em Ouro Preto, Minas Gerais que foi também a primeira escola de farmácia da América do Sul (SANTOS, 2007, p. 1039).

Voltemos ao boticário Francisco Dias Pinto de Figueiredo. A situação, de um aprendiz de boticário de um município do interior da Província vir para a Corte, especificamente para a botica do Hospital da Misericórdia chama muita atenção e, levanta a questão acerca da rede de sociabilidade em que estava inserido e o capital social que possuía para que esta oportunidade pudesse acontecer. A que família pertencia? Qual a influência desta na localidade onde

⁶Para saber mais ver verbete Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.

⁷ Para saber mais ver verbete Escola de Cirurgia da Bahia em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

⁸ Para saber mais ver verbete Escola de Farmácia de Ouro Preto em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.
Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

Observando a figura acima, podemos observar que para inventariar a botica, foram chamados três avaliadores juramentados que, listaram todos os objetos encontrados no estabelecimento, quantidade e valor de cada um. Através desta lista, podemos inferir o tamanho da botica, os principais produtos existentes e até mesmo, a partir destas informações, que tipo de medicamentos eram aviados. Ainda podemos através deste documento, fazer uma análise a respeito da legislação sobre o ofício farmacêutico. Nesta época, os boticários deveriam estar presentes nas boticas para que elas funcionassem então, como explicar então que o farmacêutico tivesse duas boticas em localidades tão distantes? Será que ele tinha um sócio boticário que ficava em uma loja enquanto ele estava em outra? Ou haveria outra explicação? Este é um assunto que ainda precisa ser investigado.

Considerações Finais

Como vimos apesar da pesquisa estar em andamento, o levantamento dos boticários atuantes nos municípios da Província do Rio de Janeiro a partir do *Almanak Laemmert* aponta para existência de uma elite farmacêutica nestas regiões, com uma inserção política diferente da existente na Corte para o mesmo período e da apontada pela historiografia até então.

Os boticários destes municípios atuaram como vereadores, juízes de paz, delegados, subdelegados, fiscais de quarteirões, além de serem membros de Casa de Caridades e instituições como a Santa Casa de Misericórdia, onde ocuparam cargos como mordomos, procuradores e até mesmo provedores. Este envolvimento nos possibilita inferir que, apesar de estarem longe das Sociedades de Classe que lutavam pela institucionalização da farmácia como profissão científica, estes boticários em suas localidades, lutavam e influenciavam a política local para defender seus interesses e possuíam uma influente rede de sociabilidades que, por muitas vezes possibilitavam certa inserção na Corte.

Ao cruzar estas informações com documentos cartoriais, um leque de possibilidade se abre para a análise da História das Ciências e da Saúde, sobretudo no que se refere à História da Farmácia.

Agradecimentos: Gostaríamos de agradecer a Fundação Oswaldo Cruz pela concessão da bolsa de pesquisa que permitiu a realização deste trabalho.

Referências Bibliográficas

ALMANAK LAEMMERT, Rio de Janeiro – 1844-1880.

BASILE, Marcello Otávio. **Ezequiel Corrêa dos Santos: um jacobino na corte imperial**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e farmácias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular. **Revista Educar**, n. 25, p. 59-73, 2005.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Brasília, DF: CAPES, Belo Horizonte, MG: Argumentum, 2008.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves e Abreu, Deyse Marinho. Os documentos cartoriais na história da Farmácia e das Ciências da Saúde. **Caderno de História das Ciências** – Instituto Butantan, São Paulo, v.1, jan.-jul., p.9-26, 2010.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as Artes de Curar: manuais de medicina popular do Império**. Rio de Janeiro: Ed: Fiocruz, 2016.

LIMEIRA, Aline de Moraes. Almanaque de primeira: em meio à ferrenha concorrência editorial do século XIX, o Almanak Laemmert se destacou pela variedade de informações. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, 2010, p. 80-83.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil setecentista**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999.

PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiro-sangradores e curandeiros no Brasil (1808 – 28) *. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jul.-out., p. 349-372, 1998.

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade dos oitocentos. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.11, supl. 1, p. 67-92, 2004.

PIMENTA, Tânia Salgado e COSTA, Ediná Alves. O Exercício do Farmacêutico na Bahia da Segunda Metade do Século XIX. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, out-dez., p. 1013-1023, 2008.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

SANTOS, Nadja Paraense dos. Theodoro Peckolt: a produção científica de um pioneiro da fitoquímica no Brasil. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, maio-ago., p. 515-533, 2005.

SANTOS, Nadja Paraense dos. Passando da Doutrina à Prática. Ezequiel Corrêa dos Santos e a farmácia nacional. **Quim. Nova**, São Paulo, v.30, n.4, p.1038-1045, 2007.

SILVA, Lúcia Helena Pereira da. De Recôncavo da Guanabara à Baixada Fluminense: leitura de um território pela história. **Revista de História da UNIABEU**, v.3, n.5, jul-dez, p.47-63 2013.

VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes**. 345p. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.

VELLOSO, Verônica Pimenta. Assistência Farmacêutica: discursos e práticas na capital do Império do Brasil (1850-1880). **Revista Varia História**. Belo Horizonte, v. 26, n. 44, jul.-dez., p. 373-394, 2010.

Recebido em 30- 09- 2021

Aprovado em 06 - 12 - 2021

Publicado em 31-12- 2021

